

Traçando os possíveis contornos do superego na perversão

Tracing the possible superego's boundaries within perversion

**Victor Stefaniszen
e Lucianne Sant'Anna de Menezes**

Resumo:

Este trabalho tem a proposta geral de caracterizar os fundamentos da perversão na psicanálise freudiana e investigar suas ampliações psicanalíticas, procurando estabelecer os contornos da formação do superego na perversão como estrutura clínica. Trata-se de uma pesquisa psicanalítica orientada pela escuta e transferência instrumentalizada do pesquisador em relação ao texto escrito, por meio de trabalho comparativo entre textos de Freud em interlocução com comentadores que tratam da perversão nas suas relações com o superego. Os resultados mostraram que os autores contemporâneos apontam para a formação de um superego arcaico, na perversão, com características de um algoz tirânico que incita o gozo desenfreado. Tal aspecto também é detectado no campo do social.

Palavras-chave:

Superego, psicanálise, perversão, castração, recusa.

Abstract:

This study has the main goal to look for characterization of perversion inside Freud's psychoanalysis and investigate the psychoanalytical extensions, to obtain elements that can establish the shape from superego's formation within perversion as clinic structure. It's a clinical psychoanalytical research, being oriented by instrumentalized listening and transference from the researcher about the written text, through comparative work among Freud's texts associated with commenters about the perversion theme in relations with the superego. The results showed that the contemporary authors point to the formation of an archaic superego, inside perversion, like characteristics from a tyrannical tormentor who incites the subject to unbridled jouissance. Such aspect is also detected in the social field.

Keywords:

Superego, psychoanalysis, perversion, castration, disavowal.

INTRODUÇÃO

O tema da perversão é intrigante e exerce uma poderosa atração e curiosidade nas pessoas que deparam com ele, tendo em vista a banalização da lei. Desse modo, a questão geral que motivou esta investigação foi: Por que o perverso sente prazer na transgressão? Como é possível permanecer uma vida toda negando a castração, mas ainda assim ser assombrado por ela?

O presente artigo é fruto das pesquisas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPQ) e Monografia de Conclusão de Curso, desenvolvidas no Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia-MG, no período de 2015 a 2016, referentes ao estudo da perversão na sua relação com o superego. Nesse sentido, o objetivo geral foi procurar caracterizar os fundamentos da perversão na psicanálise freudiana e, em consequência disso, investigar as ampliações psicanalíticas em relação ao campo da perversão, de modo a obter elementos que pudessem estabelecer os contornos da formação do superego na perversão como estrutura clínica, procurando trazer contribuições para os estudos da perversão na clínica psicanalítica.

Trata-se de uma pesquisa psicanalítica em que o material selecionado para estudo foi submetido a análise de conteúdo, por meio de trabalho comparativo entre textos de Sigmund Freud, relativos ao objeto recortado para investigação, em momentos diferentes de seu percurso teórico-metodológico. A análise de conteúdo foi orientada pela escuta e transferência instrumentalizada do pesquisador em relação ao texto escrito (ROSA; DOMINGUES, 2010), em que se busca “identificar significantes cujo sentido assume o caráter de uma contribuição original para o problema de pesquisa norteador da investigação” (IRIBARRY, 2003, p.129), sendo possível identificar e realçar marcas no discurso, posições e efeitos de sentido. Este repertório conceitual foi colocado em interlocução com comentadores da obra freudiana que tratam da temática da perversão, em especial nas suas relações com o superego, de modo que, em seu conjunto, o material foi remetido aos objetivos da pesquisa, visando às considerações finais.

Para levar a cabo esta proposta, foi realizado um levantamento bibliográfico de artigos científicos que relacionam perversão com superego, no período de 2000 a 2015, nas bases de dados on-line *SciELO*, *Pepsic*, *BVS* e *Psycinfo*. Foram encontrados com os marcadores “Perversão e Superego/Supereu” cinco artigos, “Perversão e Lei” doze artigos e “Perversão e Transgressão” nove artigos. Do total dos vinte e seis artigos, foram separados quatro artigos, tendo em vista que se alinham aos interesses desta pesquisa. Note-se como são escassas as publicações sobre este tema na psicanálise.

Foi possível criar dois eixos de pensamento: um primeiro- Perversão como estrutura clínica –, que trata aspectos do superego na perversão de

uma forma estrutural e clínica, interessada em estudar a perversão como um modo de funcionamento psíquico do sujeito, e um segundo eixo – Perversão e laço social –, que procura refletir sobre o superego em referência à perversão compreendida no âmbito social.

Convidamos o leitor a nos acompanhar neste caminho e conhecer um pouco mais sobre esse tema enigmático que é a perversão.

1. DOS TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE AO FETICHISMO: A PERVERSÃO EM FREUD

De maneira esquemática, a teorização da perversão na obra freudiana pode ser compreendida a partir da organização de *três momentos essenciais*, como sugerem Chasseguet-Smirgel (1987), Ferraz (2002) e Menezes (2012). O primeiro deles é baseado no aforismo “a neurose é o negativo da perversão”, desenvolvido nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905); o segundo relaciona-se à teoria do complexo de Édipo – que não seria nuclear apenas das neuroses, mas também das perversões – e à dinâmica das identificações; e o terceiro momento, definitivo na teoria freudiana, em que a perversão é associada à recusa (*Verleugnung*) da castração e à noção de clivagem do eu.

Até a publicação de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), porém, a posição de Freud sobre o tema ainda era uma postura considerada clássica, que ia de encontro com a sociedade e com a comunidade científica vitoriana, ou seja, tudo que se desvinculasse de uma norma sexual socialmente estabelecida de que a sexualidade era ligada ao sexo com a finalidade da reprodução seria classificado como perversão. Até esse período, a palavra perversão tinha o seguinte contexto:

Termo derivado do latim *pervertere* (perverter), empregado em psiquiatria e pelos fundadores da sexologia para designar, ora de maneira pejorativa, ora valorizando-as, as práticas sexuais consideradas como desvios em relação a uma norma social e sexual. A partir de meados do século XIX, o saber psiquiátrico incluiu entre as perversões práticas sexuais tão diversificadas quanto o incesto, a homossexualidade, a zoofilia, a pedofilia, a pederastia, o fetichismo, o sadomasoquismo, o travestismo, o narcisismo, o autoerotismo, a coprofilia, a necrofilia, o exibicionismo, o voyeurismo e as mutilações sexuais (ROUDINESCO; PLON, 1997, p.583-4).

Nos escritos de Freud, as palavras “degenerescência” e “bestialidade” se repetem nas correspondências com Fliess. No *Manuscrito N*, afirma que o sacrifício pela comunidade, uma atitude sadia, seria o oposto da liberdade sexual perversa. Em *Estudos sobre a histeria* (1895), Freud diz que o cérebro da neurose é um contraponto ao dos perversos, com as manifestações desenfreadas da pulsão sexual no perverso como o contrário da inibição delas para o neurótico (VALAS, 1990).

Na *Carta 125*, Freud diferencia histeria, paranoia e perversão. A primeira é alo-erótica e ligada com a identificação com a pessoa amada; a paranoia diz respeito a um impulso autoerótico e a um retorno a uma situação da infância. Já a perversão é tratada como uma pulsão autoerótica e um retorno à loucura original, isto é, uma regressão, uma estagnação no desenvolvimento do psiquismo (VALAS, 1990). Nesse ponto, Freud começa a traçar novos rumos na compreensão da perversão, buscando suas origens na infância. Em *Fragmento da análise de um caso de histeria* (1905[1901]/1996) podemos ver:

As perversões não são bestialidades nem degenerações no sentido patético dessas palavras. São o desenvolvimento de germes contidos, em sua totalidade, na disposição sexual indiferenciada da criança, e cuja supressão ou redirecionamento para objetivos assexuais mais elevados – sua “sublimação” – destina-se a fornecer a energia para um grande número de nossas realizações culturais. Portanto, quando alguém se torna grosseira e manifestamente pervertido, seria mais correto dizer que permaneceu como tal, pois exemplifica um estágio de inibição do desenvolvimento. Todos os psiconeuróticos são pessoas de inclinações perversas fortemente acentuadas, mas recalçadas e tornadas inconscientes no curso de seu desenvolvimento (p.55-6).

Nesse ponto, é importante destacar as particularidades da sexualidade para Freud, para podermos entender de que maneira isso influenciou seu olhar sobre a perversão. Encontramos a seguinte definição de sexualidade no *Vocabulário de Psicanálise* de Laplanche e Pontalis (1999):

Na experiência e na teoria psicanalíticas, “sexualidade” não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital,

mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irredutível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção etc.), e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual (p.476).

Antes da contribuição psicanalítica, a noção de sexualidade estava ligada à noção de *instinto*, um tipo de comportamento herdado inerente à espécie animal, que tem um objeto e uma meta fixos, além de pouco variar de um indivíduo para outro. Pela observação, é possível questionar estas ideias. Se assim fosse, existiria um comportamento sexual padrão e não a variedade que encontramos na espécie humana, como a gama de objetos escolhidos nos casos de perversão ou mesmo nas preliminares do ato sexual. Somam-se a isso os estudos sobre a neurose e seus sintomas, que, em geral, são realizações de desejos sexuais deslocados e, principalmente, a existência de uma sexualidade infantil pré-genital, o que confirma a ampla variedade do comportamento sexual humano (LAPLANCHE; PONTALIS, 1999).

PRIMEIRO MOMENTO: 'A NEUROSE É O NEGATIVO DA PERVERSÃO'.

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1980, p.171) Freud postula que existe uma energia sexual que denomina “pulsão” (*Trieb*)¹:

Por “pulsão” deve-se entender, provisoriamente, o representante psíquico de uma fonte endossomática e contínua de excitação em contraste com um “estímulo”, que é estabelecido por excitações *simples vindas de fora*. O conceito de pulsão é assim um dos que se situam na fronteira entre o psíquico e o físico. [...] em si, uma pulsão não tem qualidade,

1 Não é novidade a problemática existente nas traduções das Obras Completas de Freud para o português, tendo em vista que a Edição Brasileira das Obras Completas foi traduzida da Edição Inglesa e não diretamente da Edição Alemã, o que tem sido feito há muito pouco tempo e apenas para alguns volumes das Obras. Nesse sentido, há vários erros de tradução que distorcem o sentido real de vários conceitos freudianos importantes, como é o caso da palavra '*Trieb*' que na língua inglesa foi traduzida por *instinct*. Enquanto a palavra '*instinto*' está relacionada a um comportamento hereditário, que ocorre de um mesmo modo em todos os membros de uma espécie, o termo '*pulsão*' refere-se a um processo dinâmico que não possui um objeto fixo, e tampouco um esquema pré-formado de comportamentos. Diante disso, optamos pelo uso do termo pulsão.

e no que concerne à vida psíquica deve ser considerada apenas como uma medida da exigência de trabalho feita à mente. O que distingue as pulsões uma da outra e as dota de qualidades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e com seus objetivos. A fonte de uma pulsão é um processo de excitação que ocorre em um órgão, e o objetivo imediato da pulsão consiste na eliminação deste estímulo orgânico.

Por este trecho podemos compreender que a pulsão tem uma fonte somática, a partir de uma excitação corporal num estado de tensão. Ela exerce uma força constante que tem como objetivo aliviar a tensão sobre sua fonte, ou seja, obter satisfação, e cumpre esta meta por meio de um objeto variável. Ao apontar como esse objeto é variável, Freud ataca diretamente a ideia de que ele seria fixo (um parceiro do sexo oposto), sugerindo que o objeto escolhido é definido conforme a história do sujeito (LAPLANCHE; PONTALIS, 1999). Tal aspecto mostra um rompimento com a sexologia da época.

Freud diz sobre indivíduos em que os objetos para os quais a pulsão se direciona não são os comuns, mas sim elementos específicos que ofuscam a índole e o valor do objeto sexual, como é o caso do fetichismo, em que o ato sexual é posto em segundo plano a favor de um determinado objeto. Conforme enfatizam Roudinesco e Plon (1997, p.585), para Freud (1905), as perversões podem ser classificadas em duas categorias:

As perversões do objeto e as perversões do alvo. Nas perversões do objeto, caracterizadas por uma fixação num único objeto em detrimento dos demais, ele incluiu, por um lado, as relações sexuais com um parceiro humano (incesto, homossexualidade, pedofilia, autoerotismo) e, por outro, as relações sexuais com um objeto não humano (fetichismo, zoofilia, travestismo). Nas perversões do alvo, distinguiu três espécies de práticas: o prazer visual (exibicionismo, voyeurismo), o prazer de sofrer ou fazer sofrer (sadismo, masoquismo), e o prazer pela superestimação exclusiva de uma zona erógena (ou de um estádio), isto é, ou da boca (felação, cunilíngua), ou do aparelho genital.

Outro ponto importante nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) é a caracterização da sexualidade infantil como perverso-polimorfa e, portanto, sendo induzida a todas as transgressões possíveis. Na criança existem pulsões parciais, ligadas às zonas erógenas e anteriores a libido genital. Como a criança ainda não tem a vergonha ou moral, típicas da sexualidade adulta para conter determinados atos sexuais que não são bem vistos socialmente, ela tende a não ter um limite em suas experimentações sexuais (LAPLANCHE; PONTALIS, 1999; FREUD, 1905).

Em seus estudos sobre a sexualidade, Freud notou que, ao se chegar à puberdade, a corrente genital da libido dominaria as outras correntes pré-genitais características da infância, e todos os resquícios delas seriam apenas acessórios ou preparatórios para o ato genital. Porém, na perversão, isso não ocorreria: o que deveriam ser apenas acessórios tornam-se protagonistas no ato sexual, e o orgasmo seria obtido por outros meios ou zonas corporais que não as genitais, bem como em certas condições específicas, como no fetichismo (FERRAZ, 2010).

Em 1905, o modelo de Freud (1980, p.48) para perversão poderia ser resumido na máxima: “As neuroses são, por assim dizer, o negativo das perversões”, em que aponta para o aspecto de que o perverso coloca em ato aquilo que o neurótico fantasia. As fantasias infantis de caráter perverso, da época pré-genital da organização da libido, existem tanto no perverso quanto no neurótico; contudo, no neurótico, tais fantasias estariam sujeitas à censura, a uma série de mecanismos que atuam na sexualidade – como a proibição do incesto, o recalque e a sublimação –, mecanismos que a sexualidade perversa, ao contrário, desconhece. (ROUDINESCO; PLON, 1997; FERRAZ, 2010).

Nesse sentido, conforme mostra Menezes (2012), a sexualidade do perverso não seria uma aberração, mas a manifestação daquilo que se encontra latente em todos os seres humanos. A perversão seria a manutenção da disposição perverso-polimorfa da sexualidade infantil na vida adulta. No adulto perverso, uma das pulsões parciais assumiu a predominância e, desse modo, um eixo pré-genital organiza sua vida sexual tanto quanto a primazia da genitalidade domina a sexualidade de um neurótico. A diferença da sexualidade de uma criança é a ausência dessa organização pulsional: “todos os componentes pulsionais possuem iguais direitos, cada um dos quais seguindo seus próprios rumos na busca do prazer”, como enfatiza Freud (1917/1980, p.378) na *Conferência XXI – O Desenvolvimento da Libido e as Organizações Sexuais* das *Conferências introdutórias sobre psicanálise*.

SEGUNDO MOMENTO:

O COMPLEXO DE ÉDIPÓ É O COMPLEXO NUCLEAR NÃO SÃO DAS NEUROSES, MAS TAMBÉM DAS PERVERSÕES.

Neste momento intermediário, a teorização freudiana da perversão se relaciona com o complexo de Édipo e a dinâmica das identificações. Em *Uma criança é espancada: Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* (1919), Freud descreve a formação dos três tempos da fantasia de espancamento (“Meu pai espanca uma criança que eu odeio”, “Meu pai me espanca” e “Bate-se numa criança”) encontrada em numerosos neurticos e de ambos os sexos. Essa fantasia, que surge na primeira infância e pode remontar a uma idade pré-escolar, envolve um jogo sdico-masoquista e se trata de uma fantasia incestuosa, que Freud relaciona com o sentimento de culpa e ao que chama de uma cicatriz do Édipo. Freud rastreia, discute e diseca essas fantasias em todas as suas variantes que não serão tratadas aqui. Marcamos apenas que o autor reforça a ideia da gnese da perversão em uma fixação da libido, de maneira que um de seus componentes teria se desenvolvido precocemente e, portanto, conservado sua forma infantil. Se esse componente for recalçado ou sublimado, a perversão infantil não persiste na vida adulta. Porém, esses componentes poderiam ser impedidos de continuar ao longo do desenvolvimento psicosssexual do sujeito ao serem sublimados ou recalçados. Caso nenhum destes processos ocorra, a perversão infantil continuaria na vida adulta. Diz Freud (1919/1996):

Uma fantasia dessa natureza, nascida, talvez, de causas acidentais na primitiva infância, e retida com o propósito de satisfação autoertica, são pode,  luz do nosso conhecimento atual, ser considerada como um traço primário de perversão. Um dos componentes da função sexual desenvolveu-se, ao que parece, à frente do resto, tornou-se prematuramente independente, sofreu uma fixação, sendo por isso afastada dos processos posteriores de desenvolvimento, e, dessa forma, d evidência de uma constituição peculiar e anormal no indivíduo (p.197).

O Édipo seria o “complexo nuclear” tanto das neuroses quanto das perversões. Esse modelo da perversão vai sendo aprofundado a partir de 1920, com a teorização da pulsão de morte e o aprimoramento da teorização da problemática

edípica². Ferraz (2002, p.30) chama atenção para este momento da teorização freudiana da perversão, em que vai se tornando visível a estranha lógica existente na ligação entre o erótico e o terrífico nas perversões, tema consagrado, em 1924, no artigo *O problema econômico do masoquismo* (MENEZES, 2012).

Os posteriores estudos, em especial *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade* (1923), *A dissolução do Complexo de Édipo* (1924) e *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925) trazem alguns elementos que seriam essenciais para o texto que é considerado o modelo Freudiano da perversão: *Fetichismo* (1927).

TERCEIRO MOMENTO:

RECUSA DA CASTRAÇÃO E A CLIVAGEM DO EU

No terceiro momento, definitivo na teoria freudiana, a perversão é associada à recusa (*Verleugnung*) da castração e à noção de clivagem do eu, conforme Freud em *Fetichismo* (1927) e *A divisão do eu nos processos de defesa* (1940 a [1938]), respectivamente. A ideia central do autor, no primeiro artigo, é que o fetiche surge como um substituto para o pênis materno, aquele que o menino acreditava existir e o qual não quer abandonar. Portanto, “o menino se recusou a tomar conhecimento do fato de ter percebido que a mulher não tem pênis”. O que Freud mostra é que o menino abandona e ao mesmo tempo conserva uma crença: a universalidade do pênis (do falo). Diz que não se deve esperar que esses pacientes venham até a clínica, pois seus fetiches não são fonte de sofrimento psíquico, pelo contrário, até mesmo oferecem uma ajuda para que se satisfaçam com determinado elemento, exemplificando com um paciente que tinha atração por um brilho no nariz. O autor afirma que, nos casos destes pacientes, o objetivo do fetiche era muito claro: um substituto para o pênis materno.

Nas teorias sexuais infantis é atribuído um pênis a todas as pessoas, independentemente do sexo. A universalidade do pênis não pode ser deixada de lado, pois, se existem seres castrados, a própria criança também corre o risco de ser castrada. Freud sugere um mecanismo de defesa contra a angústia de castração próprio da perversão, em semelhança ao mecanismo do recalque (*Verdrängung*) na neurose. O menino recorre à renegação (*Verleugnung*), em que as evidências da realidade que remetem à castração são renegadas e o antigo interesse no pênis se desloca para um objeto: o fetiche. Esse fetiche representa uma vitória sobre a ameaça de castração e também uma proteção

2 Conforme Freud em *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade* (1923); *A dissolução do Complexo de Édipo* (1924); e *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925).

contra ela, aspecto que torna as mulheres toleráveis como objeto de desejo sexual e, dessa forma, o perverso fetichista acaba se salvando da homossexualidade:

O significado do fetiche não é conhecido por outras pessoas, de modo que não é retirado do fetichista; é facilmente acessível e pode prontamente conseguir a satisfação sexual ligada a ele. Aquilo pelo qual os outros homens têm de implorar e se esforçar pode ser tido pelo fetichista sem qualquer dificuldade. (FREUD, 1927/1974, p.181).

Porém, ao renegar a castração na mulher, o fetichista mantém duas atitudes opostas impossíveis de serem mantidas: “a mulher não tem pênis” e “a mulher tem pênis”, à custa de uma divisão no ego, e assim “estas duas atitudes persistem lado a lado ao longo da vida sem se influenciarem mutuamente” (FREUD, 1940[1938]/1996, p.233). “Essa maneira de lidar com a realidade”, escreve Freud, “quase merece ser descrita como astuta” (1940 a [1938], p.311). O autor procura mostrar que há uma divisão do ego também na neurose e na psicose, o que desenvolve em *A divisão do ego nos processos de defesa* (1940 a [1938]) e *O esboço de Psicanálise* (1940 a [1938]).

A oscilação entre o desmentido da realidade e sua aceitação encerra o perverso em uma falta não simbolizável que o condena ao trabalho psíquico inesgotável de negar a castração da mãe, passando sua existência a provar tal convicção contraditória. O perverso não aceitou o ditame da castração e da Lei do pai, não se submetendo a ela. A saída para a angústia de castração só é possível sob a forma de transgredi-la continuamente.

2. O COMPLEXO DE ÉDIPPO E O SUPEREGO NA TEORIA FREUDIANA

No *Dicionário de Psicanálise*, Roudinesco e Plon (1997, p.166) dizem o seguinte a respeito do Complexo de Édipo:

O complexo de Édipo é a representação inconsciente pela qual se exprime o desejo sexual ou amoroso da criança pelo genitor do sexo oposto e sua hostilidade para com o genitor do mesmo sexo. Essa representação pode inverter-se e exprimir o amor pelo genitor do mesmo sexo e o ódio pelo do sexo oposto. Chama-se Édipo à primeira representação, Édipo invertido à segunda, e Édipo completo à mescla das duas. O

complexo de Édipo aparece entre os 3 e os 5 anos. Seu declínio marca a entrada num período chamado de latência, e sua resolução após a puberdade concretiza-se num novo tipo de escolha de objeto.

Freud nunca chegou a escrever um artigo específico para a peça *Édipo Rei* e o complexo que leva o nome do herói da peça, mas este conceito está presente em sua obra de 1897 até 1938 (ROUDINESCO; PLON, 1997). Com estes dados, podemos observar como esta temática foi se desenvolvendo ao longo do pensamento freudiano. Para fins deste estudo priorizaremos a forma dupla do Édipo em *relação* ao complexo de Castração.

Sabemos que há uma dissimetria entre a organização edipiana do menino e a da menina, por conta da tese freudiana da primazia do falo na organização genital da libido, para ambos os sexos. A dupla triangularidade do complexo de Édipo permite que ambos passem por sentimentos amorosos e hostis em relação aos pais. Contudo, ao se dar conta da castração, o menino sai do Édipo pela ameaça de ser castrado, enquanto a menina inicia o seu complexo de Édipo quando descobre a castração e sua conseqüente inveja do pênis. Desse modo, a menina tem que mudar de zona erógena, do clitóris para a vagina, e de objeto, da mãe para o pai, enquanto o menino mantém os dois (FREUD, 1932). Na menina o complexo de Édipo se manifesta pelo desejo de ter um filho do pai. De qualquer maneira, há uma simetria para ambos os sexos, tendo em vista que a mãe é o primeiro objeto de amor tanto para o menino como para a menina. Para fins deste estudo, trabalharemos apenas o caso do menino.

Neste estágio do desenvolvimento, a organização fálica da libido, o falo (equivalente simbólico do pênis) é o objeto mais precioso. Nele se concentram diversas fantasias sobre virilidade e poder, assim como é igualmente imenso o medo de o perder. As teorias sexuais infantis irão dotar de um pênis todos os humanos, inclusive as mulheres. Porém, mais tarde, a criança descobre que isso é uma fantasia: ao deparar com os órgãos genitais femininos, observa a ausência do pênis e nota as diferenças sexuais anatômicas. Inicialmente o menino pensa que o órgão é muito pequeno e ainda irá se desenvolver. Posteriormente, teoriza que o pênis que existia ali foi retirado, logo a mulher foi castrada. (FREUD, 1923). Ao ouvir uma represália quando tenta realizar seus desejos com a mãe, masturbando-se, o menino se lembra da imagem dos órgãos femininos e, temendo perder seu pênis, acaba por cair no *complexo de castração*. A fantasia da castração traz uma resposta ao enigma da diferença anatômica entre os sexos: presença ou ausência do pênis (ter ou não ter o falo), para ambos os sexos.

O menino então irá associar a perda do pênis com o pai, com quem compete pelo amor da mãe. Para se manter com seu pênis, renuncia ao amor da

mãe, temendo ser castrado pelo pai (FREUD, 1938). Barrar o amor incestuoso entre a mãe e o filho é um dos aspectos da função paterna, ou seja, promover a castração, assim como é preciso que a mãe dê espaço para que esta função se faça, dirigindo seus desejos para outros objetos que não seu filho.

A problemática da castração remete a diversos fatores, como os limites e a falibilidade do corpo, o desamparo, a falta. O impacto da castração no narcisismo refere-se a ameaça de um perigo ao ego: “o falo é considerado pela criança parte essencial da imagem do ego; a ameaça que lhe diz respeito põe em perigo, de forma radical, essa imagem; ela tira sua eficácia da conjugação entre estes dois elementos: predominância do falo, ferida narcísica” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1999, p.112).

A castração atua duplamente: ao mesmo tempo em que desapossa o menino de ter sua mãe, priva a mãe do objeto de seu desejo. Nesse sentido, a criança pode controlar o fato de não ser unicamente o objeto de desejo da mãe, para arriscar-se como sujeito, ao instituir, simbolicamente, sua abdicação ao objeto perdido. Desse modo, a castração escancara uma falta fundamental no sujeito, na criança e na mãe, tendo em vista que nem uma nem outra são completas. A lei intermediada pela função paterna permite o acesso ao simbólico porque a criança, por meio desta operação, pode exercer um controle sobre o objeto perdido. Assim a criança tem acesso à linguagem.

Segundo Roudinesco e Plon (1997), se através do parricídio e do incesto o Édipo de Sófocles conseguiu seu acesso ao poder, seus crimes também o rejeitaram para alguém da vida civilizada; no Édipo freudiano, o complexo liga-se à problemática do desejo incestuoso e de sua proibição necessária, a fim de que não haja o encadeamento das gerações, assim como o parricídio. Se o Édipo de Sófocles ficou alguém da vida civilizada quando cometeu o incesto e o parricídio, a resolução edípica e a proibição dos mesmos crimes permite que a criança ingresse na civilização e na cultura.

O complexo de Édipo e seu consecutivo abandono são uma etapa importante no desenvolvimento humano. Laplanche e Pontalis (1999) pontuam funções fundamentais que essa fase conturbada exerce para o sujeito, sendo elas a escolha do objeto de amor que se conserva após a puberdade, o acesso à genitalidade e a influência sobre a estruturação da personalidade, constituindo as instâncias do superego e o ideal do ego.

A saída que o menino encontra para o dilema, renunciar à mãe ou perder o pênis, é a identificação. Ele se identifica com os objetos de amor edípianos (pai e mãe) e os internaliza dessexualizados; haverá uma identificação onde antes houve uma catexia. A interiorização das exigências e das interdições parentais dão origem ao superego:

O amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo pode, portanto, ser tomada como sendo a formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira. Esta modificação do ego retém a sua posição especial; ela se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal do ego ou superego (FREUD, 1923/1980, p.49, grifos do autor).

Se antes os pais que pertenciam ao mundo externo observavam, davam ordens, julgavam e ameaçavam a criança, o superego age de forma semelhante com o ego. A angústia que o ego sente frente à ameaça de perigo é semelhante ao medo de perder o amor dos pais, assim, o superego tem suas raízes no id, representando o mundo interno. Entretanto, o superego não é somente um precipitado das escolhas primárias de objeto do id, mas também representa uma formação reativa contra essas escolhas. Essa relação do superego com o ego conserva tanto a premissa “você deverá ser assim como seu pai”, como a proibição “você não deve ser assim como seu pai” (FREUD, 1923).

“Herdeiro do complexo de Édipo”, o superego só se constitui quando a criança se livra deste complexo, e esse é o motivo para demasiada severidade do superego: ele “não segue um modelo real, mas corresponde à força da defesa utilizada contra a tentação do complexo de Édipo” (Freud, 1938/1980, p.236). Quanto maior o amor aos pais, tanto maior será a tirania do superego em relação ao ego. “Os conflitos entre o ego e o ideal, como agora estamos preparados para descobrir, em última análise refletirão o contraste entre o que é real e o que é psíquico, entre o mundo externo e o mundo interno” (FREUD, 1923/1980, p. 51).

Para Freud, o superego é enriquecido pelas exigências sociais e culturais (educação, moral e religião), tendo uma dupla origem: uma filogenética e uma ontogenética. Conforme Menezes (2006, p.103), “a primeira, mais antiga, diz respeito às experiências que levaram ao totemismo”, portanto “adquiridas a partir do complexo paterno” (FREUD, 1923/1980, p.52-3). A segunda refere-se às características do desenvolvimento do indivíduo. A gênese do superego, para Freud (1923/1980, p.52-3), seria o resultado de dois fatores muito importantes:

um de natureza biológica e outro de natureza histórica, a saber: a duração prolongada, no homem, do desamparo e dependência de sua infância, e o fato de seu complexo de Édipo, cuja repressão demonstramos achar-se vinculada à interrupção do

desenvolvimento libidinal pelo período de latência, e, assim ao início bifásico da vida sexual do homem. [...] a diferenciação do superego a partir do ego [...] representa as características mais importantes do desenvolvimento tanto do indivíduo quanto da espécie; [...] dando expressão permanente à influência dos pais, ela perpetua a existência dos fatores a que deve sua origem.

O superego é uma das instâncias do psiquismo que Freud descreveu no conjunto da segunda tópica do aparelho psíquico, exercendo as funções de auto-observação, consciência “moral” e formação dos ideais (FREUD, 1932). É por meio dele que o ego se avalia.

Apesar de o conceito de Superego aparecer pela primeira vez em *O ego e o id* (1923), seu germe já estava no texto *Introdução ao narcisismo* (1914/1980, p.114): “Não nos surpreenderíamos se encontrássemos um *agente psíquico especial* que realizasse a tarefa de assegurar a satisfação narcisista proveniente do ideal do ego, e que, com essa finalidade em vista, observasse constantemente o ego real, medindo-o por aquele ideal”. Freud supõe que essa instância crítica é o que chamamos de “nossa consciência” (que depois desenvolverá como “consciência moral”): “a instituição da consciência foi, no fundo, uma personificação, primeiro, da crítica dos pais e, subsequentemente, da sociedade” (p.113).

Por esta passagem podemos depreender a participação da sociedade na formação dos ideais. Assim, o narcisismo infantil é substituído pela devoção a um ideal do ego erigido dentro de si mesmo.

Sabe-se que em Freud não é fácil delimitar a noção de ideal do ego na medida em que a mesma está ligada à elaboração da noção de superego³. A instância do superego surge em continuidade com o ideal do ego e, portanto, há uma íntima ligação entre os aspectos do ideal e da interdição. Entretanto, é inegável que há uma nuance entre ideal do ego e superego, e que nem sempre o próprio Freud usou ambos como sinônimos – por exemplo, em *O eu e o id* (1923) –, tendo em vista que em seus últimos textos, como nas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* (1932) e em *Esboço de psicanálise* (1940[1938]), apareceu essa distinção.

Freud (1923/1980, p.51-2) esclarece que:

3 Sobre a noção de superego ver, principalmente, Freud em *Sobre o Narcisismo: Uma introdução* (1914) e *O eu e o id* (1923).

[...] os conflitos entre o eu e o ideal [...] em última análise refletirão o contraste entre o que é real e o que é psíquico, entre o mundo externo e o mundo interno. [...] A tensão entre as exigências da consciência e os desempenhos concretos do eu é experimentada como sentimento de culpa. Os sentimentos sociais repousam em identificações com outras pessoas, na base de possuírem o mesmo ideal do eu.

Freud (1932/1980, p.84-6) atribui ao superego “as funções de auto-observação, de consciência (moral) e de manter o ideal”. Aqui o ideal do ego aparece como uma das funções do superego. Diz respeito à influência da antiga representação parental. Portanto, há uma distinção entre superego (uma instância) e ideal do ego (uma função ligada à influência parental) que Freud retoma ao final em *Esboço de psicanálise* (1940[1938]).

Segundo Laplanche e Pontalis (1999), é difícil encontrar um único sentido para o ideal do ego na obra freudiana. Para os autores, “o ideal do ego é a instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com seus substitutos e com os ideais coletivos” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1999, p.289). Já Roudinesco e Plon (1997) mostram que Freud utilizou a expressão “ideal do ego”

para designar o modelo de referência do eu, simultaneamente substituto do narcisismo perdido da infância e produto da identificação com as figuras parentais e seus substitutos sociais. A noção de ideal do eu é um marco essencial na evolução do pensamento freudiano, desde as reformulações iniciais da primeira tópica até a definição do superego (p. 362).

No desenvolvimento humano, a encruzilhada da castração significa que cada um deve deixar para trás um tipo de relação e lógica – a fálica – em que imperam a onipotência, a arbitrariedade e a satisfação pulsional imediata, e entrar em uma nova lógica de amor; ou pelo contrário, regredir e se fixar em antigos modos de satisfação em que prevalece o narcisismo, as pulsões parciais e a violência. Estas respostas serão determinantes no futuro perverso adulto.

A respeito do complexo de Édipo no perverso, Dör (1991) mostra que há “um *verdadeiro apelo libidinal* da mãe às solicitações eróticas de seu filho” (p.108), enquanto para a criança só resta “acolher as respostas da mãe senão como sendo *testemunhos de reconhecimento e encorajamento* às atividades eró-

tas que ela nutre a seu respeito” (p.109, grifos do autor). Este apelo sedutor da mãe torna-se um tormento para a criança. Nessa cumplicidade erótica, a mãe pode se iludir sobre a ausência de mediação paterna face ao seu desejo. “Entretanto, o pai não deixa de aparecer como um intruso, e o permanece. [...] O lugar do pai não pode revelar-se então de outro modo senão perturbador e enigmático” (p.109). Na tentativa de dissipar a dúvida sobre o significado da função paterna, a mãe acaba por convidar a criança a menosprezá-lo. O autor mostra que:

O desafio, traço característico da estrutura perversa, encontrará nesse apelo ao menosprezo seu mais essencial ardor. [...] Permanece assim a criança duplamente cativa da sedução materna e da interdição inconsequente que ela lhe expressa no fingimento. Não é preciso mais para que a criança compreenda nisso a prescrição de um verdadeiro apelo à transgressão. (DÖR, 1991, p.109, grifos do autor).

Para Dör (1991, p.109), a ambiguidade materna encontra eco ao lado da complacência tácita e silenciosa do pai, que se deixa “facilmente desprover de suas prerrogativas simbólicas, delegando a sua própria fala à mãe com todo o equívoco que essa delegação supõe”. Forma-se um equívoco que autoriza o discurso materno a exercer a interdição. Para o autor,

Não é menos verdade que o princípio complacente dessa delegação tem por efeito confundir a criança no seio de uma ambiguidade que a captura nas redes de uma alternativa intratável. Alternativa entre a mãe ameaçadora e interditora, intermediária da fala simbólica do pai, e uma mãe sedutora, encorajando a criança a fazê-la gozar, que menospreza a significação estruturante da lei do pai. [...] A alienação da criança à intriga da sedução materna e à incúria simbólica paterna tem por consequência essencial incitar a criança a confortar o fantasma de uma mãe onipotente que propriamente falando é a mãe fálica à qual ela não renunciará. (DÖR, 1991, p.110).

Em essência, a perversão é uma recusa em tomar conhecimento das evidências da realidade de um cenário em que todos os homens e mulheres são castrados

e têm que levar em conta os desejos uns dos outros. Mais que a tentativa da criança em manter a relação exclusiva com os objetos de amor incestuosos, é a busca por apagar os indícios e diferenças que mostram a necessidade de submissão às regras e leis. O perverso fica aquém da resolução edípica, não levando “em conta o desejo de seu objeto de amor, nem as leis éticas; reivindica para si a total exclusividade impondo aos seus objetos um modo de relação primitivo e violento” (KOGUT, 2004, p.31).

Podemos pensar a perversão como um modo de funcionamento psíquico com características únicas, marcada pelo modo violento com que as relações com o outro são estabelecidas. Stoller (2015) destaca que a hostilidade e uma tendência destrutiva estão no âmago da perversão, e assim o ato sexual do perverso seria fruto da erotização do ódio. Originária de um trauma infantil, a hostilidade apareceria como uma tentativa de vingança na vida adulta, transformando o que foi traumático em um triunfo. Esta conversão seria responsável pela excitação, que se incrementa mais ainda ao transformar o ato sexual em um ato arriscado.

A perversão, segundo Stoller (2015), não seria apenas uma reação à castração, mas também tentaria proteger uma identidade sexual ameaçada. Esse modo de funcionamento se originaria em uma dinâmica que, pelo medo, faz com que a criança não enfrente o complexo de Édipo, deixando-o em suspenso, evitando-o.

Pelo exposto, na constituição da perversão devemos considerar o percurso edípico, a temática da castração e o mecanismo de defesa da *Verleugnung* somados à fixação, à regressão e às pulsões primitivas.

Se o superego é herdeiro do complexo de Édipo, *como pensá-lo na perversão?* Se na gênese do superego há um fator de natureza biológica e uma herança filogenética, ele estaria presente, de alguma forma, em todos os indivíduos, inclusive no perverso. Desse modo, *é possível traçar um contorno do superego na perversão?*

3. PERVERSÃO COMO ESTRUTURA CLÍNICA

Como dissemos no início deste trabalho, a partir do material selecionado para a pesquisa foi possível traçar dois eixos de análise: o primeiro trata de aspectos do superego na perversão como uma estrutura clínica; e o segundo procura refletir sobre o superego em referência à perversão como laço social. Começemos pela perversão como estrutura clínica.

No artigo *Pai fouveiro: o pacto perverso*, França (2005), por meio de casos da clínica com crianças, mostra que a posição subjetiva dos pais diante da castração incidirá diretamente sobre a disposição perverso-polimorfa da sexualidade infantil, de modo que o movimento real da ausência de interdição dos pais e suas reverberações no psiquismo da criança resultarão no caminho

para uma estruturação perversa. A autora discute como as proibições e leis que são ensinadas para os filhos, por intermédio dos pais, são constantemente testadas em seus limites por elas, principalmente quando os pais não respeitam os limites que tentam ensinar. Expõe casos que permitem a compreensão da importância da função paterna, responsável pelas interdições. Mas também dá destaque ao papel da função materna, que deverá trabalhar junto da função paterna e permitir que ela opere. Ao longo do artigo, encontramos casos que dão indícios de uma estruturação perversa, sendo que a função materna facilitará que os desejos da criança que deveriam ser interditados sejam de alguma forma satisfeitos, afastando o pai que deveria intervir na relação incestuosa, à semelhança do que fora desenvolvido anteriormente, a partir de Joel Dör.

O superego começa a apresentar traços de sua formação em momentos anteriores à resolução da conflitiva edípica. Porém, a criança não age passivamente e testa as ordens que lhe foram impostas, vendo *como* e *se* os pais de fato as obedecem ou se são apenas palavras vazias. A autora ilustra com uma criança que, depois de repreendida para limpar o nariz apenas no banheiro, em um gesto de desafio, limpa o nariz na soleira da porta, o que mostra como os limites impostos podem ser relativos. As proibições são tão importantes que se cria uma espécie de identidade grupal entre os pares que as compartilham. Outro exemplo é no maternal, quando a professora dá uma ordem e quem não a acata poderá ser rejeitado pelo grupo, estabelecendo o acordo de obedecerem às regras sociais. Desse modo, “a construção superegoica cresce a cada dia, preparando o psiquismo da criança para o arremate final, que será dado com o pacto edípico – estabelecedor das condições a que os desejos terão de se submeter para serem satisfeitos” (FRANÇA, 2005, p.24).

Quando existe uma família com características pervertizantes, França (2005) alega que existe um pacto entre pai e filho (ou filha); pacto este que assegura a perversão na idade adulta. Isso ocorre porque o pai se mostra como uma figura apagada (por isso a autora usa o termo “fouveiro”, que tem esse sentido de “desbotado por causa do uso ou do tempo”), acobertando as transgressões do filho (ou filha), revelando que na prática a Lei é fácil de ser burlada. Neste pacto o pai acaba obscurecendo a passagem da Lei.

França (2005, p.26) procura mostrar como o discurso parental está implicado na formação do pacto perverso. Em um dos casos, o menino, chamado de JNPL, parecia comandar a família e constantemente arranjava brigas. Agarrava-se às pernas da mãe com o pênis ereto, perguntando se ela podia sentir como estava duro e grande. Nessas situações, o pai o ameaçava dizendo que, se ele não parasse com isso, iria engravidar a mãe e lhe dar um irmão. O pai o ameaçava justamente com o que deveria interditar, pois ele é o homem

capaz de engravidar e satisfazer sua esposa. Este caso nos remete ao texto *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* (1919), em que Freud reforça a ideia da gênese da perversão em uma fixação da libido, de modo que um de seus componentes teria se desenvolvido precocemente e, portanto, conservado sua forma infantil; torna-se assim prematuramente independente, sofre uma fixação nesse cenário fantasmático e é excluído dos processos posteriores do desenvolvimento, podendo originar uma constituição peculiar e anormal no indivíduo.

Outro aspecto interessante de notar é a presença de um elemento fantasioso de caráter sádico-masoquista na atitude da mãe que corre do seu próprio filho com o pênis ereto, jogo sádico-masoquista que Freud mostra na fantasia de espancamento: aqui a criança torna-se a protagonista e subjugua os progenitores, uma vez que a presença paterna não consegue fazer as interdições necessárias para que o desejo incestuoso do filho seja recalçado. Sem esse recalque, não existe a culpa por esses atos, o que faz com que as cenas com um caráter nitidamente incestuoso sejam naturalizadas.

Em suma, esse primeiro artigo nos deixa a mensagem de que a construção superegoica do psiquismo na criança perversa é arrematada pelo pacto perverso, diferentemente do pacto edípico, estabelecendo a condição de submissão à lei de seu desejo, portanto não leva em conta o desejo do outro nem as leis éticas.

Já o artigo de Chaves (2004) “*Père-version*” *Perversão, perversões, “Père-version”, pères-versions...Versões do pai* parte do ponto de vista da psicanálise lacaniana e mostra a perversão como estrutura, sendo apresentada como uma das versões do Pai. Em semelhança com o artigo anteriormente apresentado, podemos observar que neste trabalho também a função paterna ganha um destaque na estruturação do sujeito e na formação do superego. Lacan, inclusive, brinca com a palavra perversão em francês, *père-version*, transformando-a em versões do pai, *père-version*, querendo dizer que a perversão é mais uma das versões do pai.

As estruturas psíquicas para Freud e para Lacan – neurose, psicose e perversão – somente serão definidas depois do Complexo de Édipo na sua relação com o Complexo de Castração, além de delinear a formação do superego. Chaves (2004) coloca que é possível pensar se são mesmo três estruturas psíquicas ou variantes de uma única, formada no significante da castração simbólica (Metáfora Paterna), mas que apresentam três efeitos diferentes no entrechoque com o representante paterno. Este significante é responsável por nos tornar um sujeito. Dessa forma, as estruturas clínicas são efeitos da relação do sujeito com o Pai, aquele responsável por estabelecer o limite do gozo incestuoso com a mãe. A resposta estruturada como uma neurose seria relativa aos efeitos da castração e da dívida simbólica; a psicose estaria

relacionada principalmente ao corpo e ao narcisismo primário; e a perversão, às questões relativas ao falo e ao gozo.

No caso da perversão, segundo o autor, há a fixação a uma identificação fálica imaginária. O menino firma a fantasia de ser o falo da mãe, tamponando o lugar da falta do pênis na mulher. Nesse “instante lógico de fixação ou cristalização da fantasia perversa”, o menino é tomado pelo horror da castração, construindo defesas extremamente fortes e coerentes com a ambiguidade de que é refém. De um lado a complacência do pai sem limites (esvaziando a potência simbólica da função paterna), e de outro a sedução materna que alcança o lugar da mãe fálica (que seduz o filho e garante sua própria satisfação libidinal). Prisioneiro dessa vivência contingencial, o superego do menino, “formado neste *entre-dois*, é o superego arcaico, proveniente de um ‘trauma primitivo’⁴, trauma que não é outro senão o horror experimentado nesse momento agudo da vivência da castração da mãe” (CHAVES, 2004, p.93).

Conforme Chaves (2004), a partir da metáfora paterna o superego é instaurado em dois tempos: primeiro recalca o superego primitivo, o que possibilita a estruturação do superego como o “herdeiro do complexo de Édipo”⁵, o que garante o lugar simbólico do Pai, da Lei, da vida em sociedade e do desejo, e assim, barra o gozo. “Por outro lado, o superego arcaico impõe uma outra lei ao eu, lei contraditória e paradoxal, que chamamos de lei perversa, pois se trata de um persistente, maciço e categórico imperativo de gozo” (p.93). Nesse sentido, o perverso, segundo Chaves (2004, p.94), “goza de transgredir as leis do pai e de desafiá-lo ao extremo de usurpar o seu lugar e o seu poder, fazendo da Lei a lei de sua própria pessoa – melhor dizendo, a lei de seu superego arcaico, que lhe ordena: ‘goza!’⁶”.

Pelo trecho acima, podemos depreender que o autor aponta para um superego na perversão, compreendido como um *superego arcaico*, tirânico, que falha na sua função de barra ao gozo, incitando o sujeito a gozar a qualquer custo, a gozar do desafio e da transgressão, a gozar de renegar constantemente a castração simbólica.

4. PERVERSÃO E LAÇO SOCIAL

No artigo *Superego contemporâneo: exceção e regra*, De Paoli (2005) discute como a atual sociedade – marcada por uma fluidez, pelo colapso das tradições

4 Nota do autor: LACAN, J. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

5 Nota do autor: FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo, v.XIX, 1976.

6 Nota do autor: LACAN, J. *O seminário, livro 20: Mais, Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

e pelo consumismo – coloca a subjetividade humana à deriva, sem ter em que se fixar; e, como consequência, o superego também estaria em crise, uma vez que é ele que carrega a tradição e a moral que são características sólidas, ao contrário do que seria a sociedade fluída atual. A autora mostra que a perversão, quando postulada pela psicanálise, estava muito ligada às transgressões porque existia uma clara delimitação entre o que era proibido e o que não era. Atualmente, com a perda das referências, muitos traços perversos são admitidos e assimilados à cultura, concluindo que a perversão é a estrutura predominante na sociedade comandada pelo imperativo do gozo.

Assim como as relações se tornam provisórias e o que impera é o imediatismo, a função paterna também se enfraquece. Se nas sociedades patriarcais o pai era o responsável por exibir a castração e promover a lei, levando a uma estruturação neurótica, agora essa força se perdeu e no lugar do recalque da castração ocorre a renegação. Com a função paterna vazia, o campo do desejo se ordena pela fantasia, em que os sujeitos pretendem gozar de todas as formas. De Paoli (2005, p.39) afirma que o superego exhibe agora sua face tirânica mais fortalecida do que sua relação com o recalque, o que leva a um “empuxo ao gozo em associação à pulsão de morte”. A autora conclui que “o superego enquanto representante da lei, consequência da inscrição da insígnia paterna, está em declínio na cultura, mas poderíamos afirmar que sua face tirânica, em que se apresenta como um Outro caprichoso, está em franca ascensão” (p.43).

O artigo *O Palhares de Nelson Rodrigues e o superego Freudiano*, de Martins e Porto (2007), procura estabelecer um diálogo entre trechos da obra de Nelson Rodrigues e a teoria freudiana do superego, objetivando esclarecer de que forma o estilo narrativo e o enfoque temático da obra rodrigueana poderiam servir como exemplos representativos do conceito de superego. Nesse sentido, seu objetivo é criar uma via de compreensão dos fenômenos que tocam a questão moral, como a culpa e a necessidade de punição, além do destino inexorável e a pulsão de morte.

Para os autores, a perversão traz uma problemática moral cujo funcionamento, regido pelo princípio do prazer, faz operar “um Superego corrompido, incapaz de erigir ideais nos quais se possa investir libidinalmente, essa constelação é arrematada por Lacan: ‘Nada força ninguém a gozar, senão o Superego. O Superego é o imperativo do gozo – goza!’” (MARTINS; PORTO, 2007, p.200).

Na da obra rodrigueana (e por que não na cultura brasileira?) há o termo canalha, que representa o homem facínora, enganador, cretino – em resumo,

7 Nota do autor: Jacques Lacan. *Mais, Ainda. O Seminário, Livro 20*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p.11.

toda a falta de escrúpulos que um indivíduo pode ter. É um personagem que satisfaz suas vontades de maneira inescrupulosa, passando por cima de todos os outros envolvidos. Entretanto, Nelson Rodrigues usa a ideia de que todos nós estamos sujeitos a virar esse canalha. Por meio do personagem Palhares, de *A vida como ela é...*, o autor desnuda com primor o funcionamento farsante. Nesse sentido, a canalhice rodrigueana se aproxima do conceito freudiano de perversão (MARTINS; PORTO, 2007).

Um dia, Palhares viu a cunhada no corredor e deu-lhe um beijo no pescoço, não sentindo culpa e tampouco recebendo alguma punição por esse ato quase incestuoso, que vai na direção contrária das normas sociais, de forma semelhante ao modo perverso de agir. Esse evento lhe rendeu fama: era apenas mais um, e agora tem um encanto diferente, passando a ser festejado pelas ruas; consegue, inclusive, um aumento no ordenado como um sinal de reconhecimento. No auge de sua consagração, Palhares conclui: “As torpezas do sexo são altamente promocionais”⁸, conforme mostram Martins e Porto (2007, p.201), enfatizando que Nelson Rodrigues não faz um elogio do canalha, apenas identifica “sua problematização a uma atividade definidora do homem: o amar. Esta exige que o outro não seja rebaixado e que não haja recusa em compartilhar, possibilitando, dessa maneira, o desejo de união”.

Os autores retomam o dizer freudiano de que as neuroses são o negativo das perversões, em que há o postulado de que aquilo que o neurótico fantasia, o perverso atua, e por isso o perverso exerce uma fascinação no neurótico por aparentar ter uma liberdade que, na verdade, surge como desconhecimento da moral vigente e da recusa à lei castração. Finalizam mostrando que o “gozo vivenciado no corpo próprio do perverso é a contrapartida da renúncia a serviço de um supereu algoz, verificável na neurose” (MARTINS; PORTO, 2007, p.201).

Recordemos que, para Freud (1927a, 1930), os objetivos sexuais individuais precisam ser, em parte, renunciados em nome das exigências da coletividade, da manutenção da civilização. Cada um deve descobrir por si soluções para lidar com suas pulsões seja na ilusão, na religião, na sublimação ou na criação de laços sociais que podem estar a serviço da manutenção de um gozo ilimitado. Nesse sentido, na perversão como laço social a ênfase está num tipo de engrenagem em que os parceiros funcionam, não importando a estrutura intrapsíquica de cada um. Nesse mecanismo, “a dessexualização faz com que os laços sociais obedeçam a uma exigência de funcionalidade, de “serviço comum a um saber partilhado, [...] incluídos numa cena e fazendo parte de uma montagem [...] que não existe sem os elementos que a constituem” (SZPACENKOPF, 2003, p.141).

8 Nota do autor: Nelson Rodrigues, *O reacionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.115.

A manipulação do outro como técnica de existência, o triunfo da instrumentalização, só é triunfo se os parceiros funcionarem como instrumentos dessa técnica. Em consequência disso, a subjetividade vai sendo reduzida à instrumentalização, estando mais em função da pulsão de agressão, mais especificamente da pulsão de domínio, da vontade de poder (MENEZES, 2012). Sobre isso, Peixoto Jr. (1999, p.270-1) enfatiza que:

Basta um mínimo de instrumentalização dos sujeitos, com a conseqüente redução de suas possibilidades simbólicas, para que a relação perversa se instale, na medida em que eles passam a emprestar seus bens (seus corpos e seus nomes) para o gozo de um outro. *E basta que este gozo se torne um sistema de regulação social para que a perversão ganhe o impulso em direção ao seu estabelecimento como política.* (Grifo nosso).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lembramos que este trabalho teve o objetivo geral de procurar caracterizar os fundamentos da perversão na psicanálise freudiana e, em consequência disso, investigar as ampliações psicanalíticas em relação ao campo da perversão, de modo a obter elementos que pudessem estabelecer os contornos da formação do superego na perversão como estrutura clínica. Para tanto, foi realizada uma pesquisa psicanalítica em que o material selecionado para estudo foi submetido à análise de conteúdo, orientada pela escuta e transferência instrumentalizada do pesquisador, por meio de trabalho comparativo entre textos de Freud, relativos ao objeto recortado para investigação, em momentos diferentes de seu percurso teórico metodológico. Este repertório conceitual foi colocado em interlocução com comentadores da obra freudiana que tratam da temática da perversão, em especial nas suas relações com o superego.

No decorrer da pesquisa foi possível verificar que uma das primeiras contribuições de Freud para o tema foi questionar o aspecto fortemente moral e biologicista da perversão, observando elementos subjetivos que até então eram deixados de lado pelos estudos da época. Com a teorização da sexualidade infantil perverso-polimorfa, Freud (1905/1996, p.48) mostra que “as neuroses são, por assim dizer, o negativo das perversões”, tendo em vista que o perverso colocaria em ato as fantasias pré-genitais que o neurótico recalca. Dessa forma, a sexualidade do perverso não seria uma aberração, mas a manifestação do que está latente em todo indivíduo humano; por isso podemos dizer que existem traços perversos em todos nós. Posteriormente o autor começa a considerar a importância do complexo de Édipo e

da dinâmica das identificações, reforçando a ideia da origem da perversão em uma fixação da libido, de maneira que um de seus componentes teria se desenvolvido precocemente e, assim, conservado sua forma infantil na vida adulta (FREUD, 1919). Este modelo vai sendo aprofundado, com a teorização da pulsão de morte, e o aprimoramento da problemática edípica na sua relação com o complexo de castração, de maneira que, em 1927 a perversão é associada ao mecanismo de renegação (*Verleugnung*) da castração na mulher, de modo que o perverso conservaria duas atitudes opostas impossíveis de serem mantidas – *a mulher não tem pênis/a mulher tem pênis* –, à custa de uma divisão no ego.

Vimos que o complexo de Édipo e seu consecutivo abandono são uma etapa importante no desenvolvimento humano, que exerce funções fundamentais para o sujeito: a escolha do objeto de amor que se conserva após a puberdade, o acesso à genitalidade, a identificação com os pais e a influência sobre a estruturação da personalidade, constituindo as instâncias do superego e o ideal do ego. O superego é uma das instâncias do psiquismo que Freud descreveu no conjunto da segunda tópica do aparelho psíquico, exercendo as funções de auto-observação, consciência ‘moral’ e formação dos ideais (FREUD, 1932). É por meio dele que o ego se avalia. Desse modo, o superego é enriquecido pelas exigências sociais e culturais (educação, moral e religião), tendo dupla origem: uma filogenética e uma ontogenética.

A respeito do complexo de Édipo no perverso, foi possível mostrar que há uma cumplicidade erótica da mãe com o filho, o que se torna um tormento para a criança. A ambiguidade materna encontra eco ao lado da complacência tácita e silenciosa do pai. Forma-se um equívoco que autoriza o discurso materno a exercer a interdição. Mais que a tentativa da criança de manter a relação exclusiva com os objetos de amor incestuosos, em essência a perversão é a busca por apagar os indícios e diferenças que mostram a necessidade de submissão às regras e leis. O perverso fica aquém da resolução edípica, não considerando o desejo de seu objeto de amor e tampouco as leis éticas, reivindicando para si total exclusividade, relacionando-se de modo primitivo e violento. A hostilidade e uma tendência destrutiva estão no âmago da perversão, tornando o ato sexual do perverso fruto da erotização do ódio, originária de um trauma infantil.

Na análise do material obtido, observou-se que os principais conceitos freudianos tratados nesta investigação nortearam os demais avanços dos pesquisadores contemporâneos sobre o tema da perversão. Foi possível criar dois eixos de pensamento: “perversão como estrutura clínica” e “perversão e laço social”.

O primeiro eixo, que trata de aspectos do superego na perversão como uma estrutura clínica, mostrou que, na infância, a construção do superego se dá a cada dia, por meio das proibições, consolidando-se após a dissolução do complexo de Édipo. Porém, a construção superegoica do psiquismo na criança perversa é arrematada pelo pacto perverso, diferentemente do pacto edípico, estabelecendo a condição de submissão à lei de seu desejo, portanto não leva em conta o desejo do outro nem as leis éticas. Podemos pensar que as proibições iniciais vão compor um superego arcaico, que deverá ser recalçado pela metáfora paterna para consolidar o superego “herdeiro do complexo de Édipo”. Sem ser recalçado na perversão, o superego arcaico torna-se algoz e tirânico: no lugar de barrar o gozo, exige que o sujeito goze a qualquer preço. O perverso torna-se escravo de seu próprio superego.

O segundo eixo, que procura refletir sobre o superego em referência à perversão como laço social, mostrou como essa relação entre o superego e o imperativo do gozo a qualquer custo pode ser estendida para o campo social. A atual configuração social se caracteriza pela fluidez das relações, em que o superego, detentor das características sólidas e das referências, também estaria em crise. Diversos traços perversos estão assimilados à cultura. É de pensar se o consumismo desenfreado e sem limites não seria uma manifestação de um imperativo do gozo que quer se satisfazer imediatamente. Como exemplo observou-se a figura do *canalha*: enganador, malandro, trapaceiro e que mesmo assim exerce uma fascinação e é um personagem culturalmente popular no Brasil. Desrespeitador dos limites e das regras, à semelhança do perverso. Essa figura aparece nos personagens de Nelson Rodrigues como uma problematização de uma atividade definidora do homem: o amar, que exige não rebaixar o outro e que não exista uma recusa em compartilhar. Nessas condições, seria possível o desejo de união.

Neste ponto retomamos a pergunta: *é possível traçar um contorno do superego na perversão?* A análise dos eixos reportada aos principais aspectos da teoria freudiana relativos ao tema da perversão permitiu o vislumbre de uma demarcação do superego na perversão. Ao considerarmos a dupla origem do superego, se uma de suas raízes é biológica, relativa ao desamparo prolongado do homem e, deste modo, a uma herança filogenética, poderíamos supor que há um início de um superego em todos os seres humanos, e, portanto, na perversão.

Como já exposto, após o abandono dos objetos de amor do complexo de Édipo, esses mesmos objetos são internalizados dessexualizados e passam a compor o núcleo do superego. Uma vez que esses objetos de amor não foram abandonados pelo perverso, já que ele não teve uma resolução edípica como o

neurótico teve, seria possível pensar que as figuras de amor do perverso foram internalizadas sexualizadas. Como dissemos, a função paterna não teve êxito em barrar o amor incestuoso do filho, e por isso podemos supor que a proibição do incesto e do parricídio não foi internalizada pelo perverso. Se nunca houve uma interdição, não é de surpreender que a principal característica desse superego seja ser *algoz*, ordenando o gozo a qualquer custo, o que mostra que suas funções estão deficitárias, em especial manter a consciência moral, pois esse gozo se dá justamente em transgredir as leis e as normas que a regem a sociedade, o que determina uma lógica de relação marcada pela violência.

Lembremos que a encruzilhada da castração significa que ou deixamos para trás um tipo de relação em que impera a onipotência, a arbitrariedade e a satisfação pulsional imediata e entramos em uma nova lógica de amor, laço que leva em conta os desejos uns dos outros e as leis éticas, ou, pelo contrário, podemos regredir e nos fixar a antigos modos de satisfação em que impera o narcisismo, as pulsões parciais e a violência, criando laços que não levam em conta o desejo do outro nem as leis éticas, funcionando na lógica da *Verleugnung*. A recusa da castração está, assim, implicada na recusa da diferença, na recusa do outro, na recusa da alteridade.

Estudos contemporâneos (BOURDIEUX, 1998; DARDOT; LAVAL, 2016; DUNKER, 2015; SAFATLE, 2015) mostram que o neoliberalismo não se reduz a um sistema econômico, a práticas que definem o capitalismo contemporâneo na sua característica globalizada, mas o neoliberalismo é uma forma de vida que enquanto tal compreende uma *gramática de reconhecimento* e uma *política para o sofrimento*, de modo que se pode extrair mais produção e mais gozo do próprio sofrimento. O que estrutura o projeto de vida neoliberal são ideais e valores derivados dos princípios de concorrência e que, a partir de *mecanismos de dominação perversa*, se instalam nas relações sociais (MENEZES, 2012, 2018). Queremos marcar aqui que, em tempos de neoliberalismo, a cultura do narcisismo vai sendo substituída pela *cultura da indiferença*, na linha do estado de exceção de Giorgio Agamben (2004, p.61), de que algo se apresenta “como a forma legal daquilo que não pode ter forma legal”. Como efeito, por exemplo, assistimos em escala mundial à ascensão ou ao retorno de governos de ditadura.

Se o superego cultural, como enfatiza Freud (1930), desenvolveu seus ideais e estabeleceu suas exigências, entre elas a ética que trata das relações entre os seres humanos, e sob cuja influência se produz a evolução da civilização, para a qual o grande problema é lidar com a agressividade constitutiva, na atualidade, como efeito patológico do neoliberalismo, os contornos deste superego fariam borda com a perversão?

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *Estado de exceção* (I. Poleti trad.). São Paulo: Boitempo, 2004.
- BOURDIEU, P. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal* (L. Magalhães, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, J. *Ética y estética de la perversión*. Barcelona: Editorial Laia, 1987.
- CHAVES, M. E. “Père-version” Perversão, perversões... “Père-version”, pères-versions... *Versões do pai. Reverso*. Belo Horizonte, v.26, n.51, p.91-96, 2004.
- DEPAOLI, C. *Superego contemporâneo: exceção e regra*. Tempo psicanalítico. Rio de Janeiro, v.37, p.39-56, 2005.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. (M. Echalar, Trad.). São Paulo: Boitempo, 2016.
- DÖR, J. *Estrutura e perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- DUNKER, I. L. Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2015.
- FERRAZ, F. C. *Perversão*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2002.
- FRANÇA, C. P. *Pai fouveiro: o pacto perverso*. Psychê. São Paulo, v.9, n.15, p.23-35, 2005.
- FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- FREUD, S. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, v.7. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- FREUD, S. (1914) Sobre o Narcisismo: uma introdução. v.12. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- FREUD, S. (1917) Conferências introdutórias sobre psicanálise: Conferência XXI – “O Desenvolvimento da Libido e as Organizações Sexuais”, v.16. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- FREUD, S. (1924) O problema econômico do masoquismo, v.19. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- FREUD, S. (1927) Fetichismo, v.21. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- FREUD, S. (1927a) O futuro de uma ilusão, v.21. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1905) Fragmento de um caso de histeria. v.7. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1919) Uma criança é espancada: Uma contribuição ao estudo da origem das

perversões sexuais: v.17. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1923) O ego e o id. v.19. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1933). Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica. v.22. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S.(1938) A divisão do ego nos processos de defesa. v.22. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S.(1940[1938]) Esboço de psicanálise. v.18. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

IRIBARRY, I. N. O que é pesquisa psicanalítica? In: *Agora*, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p.115-138, 2003.

KOGUT, E. C. *Perversão em Cena*. São Paulo: Escuta, 2005.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MARTINS, F. & PORTO, M. D. *O Palhares de Nelson Rodrigues e o Supereu Freudiano*. *Trieb*. Rio de Janeiro, v. 6, p. 199-214, 2007.

MENEZES, L. S. *Pânico: efeito do desamparo na contemporaneidade. Um estudo psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

MENEZES, L. S. *Psicanálise e saúde do trabalhador: nos rastros da precarização do trabalho*. São Paulo: Primavera Editorial, 2012.

MENEZES, L. S. Psicanálise, cultura e desamparo: efeitos da precarização do trabalho na saúde dos trabalhadores. In: *Anais do II Colóquio Internacional da Rede Interuniversitária Grupos e Vínculos Intersubjetivos: Figuras da diferença e o dispositivo psicanalítico de grupo*. São Paulo, v.1, n.1, abril de 2018.

PEIXOTO Jr., C. A. *Metamorfose entre o sexual e o social: Uma leitura da teoria psicanalítica sobre a perversão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

ROSA, M. D. & DOMINGUES, E. *O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação*. *Psicologia & Sociedade*. Belo Horizonte, v. 22, n.1, p. 180-188, 2010.

ROUDINESCO, E., & PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SAFATLE, V. O trabalho do impróprio e os afetos da flexibilização. *Revista de filosofia da PUCRS*. Porto Alegre, 60(1), 12-49, 2015. <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/20196>.

SZPACENKOPF, M. I. O. *O olhar do poder: a montagem branca e a violência no espetáculo telejornal*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

VALAS, P. (1990). *Freud e a perversão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.